



Universidade de Brasília

Instituto de Artes – IdA

Departamento de Artes Cênicas – CEN

MARINA DE OLIVEIRA SOARES

FEMININO:

**VIDA E ARTE EM PERCURSO DENTRO DO FILME
ESPETÁCULO O OURO, O LADRÃO E SUA FAMÍLIA**

Brasília – DF

2017

MARINA DE OLIVEIRA SOARES

FEMININO:

**VIDA E ARTE EM PERCURSO DENTRO DO FILME
ESPETÁCULO O OURO, O LADRÃO E SUA FAMÍLIA**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Interpretação Teatral do Departamento em Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientadora: **Professora Mestre Cyntia Carla Cunha Santos.**

Brasília – DF

2017

MARINA DE OLIVEIRA SOARES

FEMININO:

**VIDA E ARTE EM PERCURSO DENTRO DO FILME
ESPETÁCULO O OURO, O LADRÃO E SUA FAMÍLIA**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Interpretação Teatral do Departamento em Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientadora: **Professora Mestre Cyntia Carla Cunha Santos.**

Data: __ / __ / ____.

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^a. M^a. Cyntia Carla Cunha Santos

Examinador: Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia de Almeida Castro

Examinador: Prof^a. Dr^a. Sulian Vieira Pacheco

Brasília – DF

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os palcos, ruas, terreiros, praças onde há teatro.

A todos que fazem teatro no mundo, esta profissão que nos exige tanto. Eita que danada essa tal de arte! É muita luz pra ela, muito cenário, muito figurino, muito transporte, muito ator, pouco cachê... Eita que amada essa arte. Essa profissão que temos tanto amor em fazê-la.

A todos os mestres e mestras que caminharam e ainda caminham por esse mundo. Mestres e mestras que deixaram tradições, histórias para que possamos continuar sua jornada.

A todas as mulheres. Ao feminino. Sem elas, não seria possível essa escrita. Sem elas, não seria possível viver.

AGRADECIMENTOS

Minhas sinceras gratidões à:

À minha família, que me apoia nesse caminho artístico desde a escolha no vestibular. À minha mãe Célia, por ser essa mulher forte que carrega o mundo e me ensinou a ser assim, uma mulher – não uma menina – pronta para o trabalho. Ao meu pai Isânio, que deu mais que o suor para me ajudar a vencer os obstáculos e a me erguer sempre que eu caía. À minha irmã Cássia, outra artista na família. À minha avó Dona Divina, a primeira mulher forte que conheci na família, a mulher que fez da minha mãe o que ela é hoje e o que me fez também. Uma mulher que vence qualquer coisa a qualquer hora.

À minha turma de diplomação por ter me acompanhado nessa jornada universitária: Arthur Romão, Bianca Ludgero, Bruno Barbato Bloch, Cíntia Portella, Iury Persan, Louise Portela, Luciana Marinho, Ramon Lima, Ricardo Holanda.

Aos meus amigos: Cíntia Portella, amiga para todo o sempre. Lorena Pires, amiga, companheira e batalhadora. Renata Mendes e Susanne Melo, queridas desde o ensino médio. VH e Yuri Fidélis, os sábios do departamento que me guiaram várias vezes. À minha irmã gêmea de curso Ananda Maranhão, obrigada por estar sempre livre quando eu quiser chorar no seu ombro. Ao Ramon Lima por ser essa pessoa maravilhosa que tanto amo. Ao Arthur Scherdien pelas fofocas e pelas várias companhias em momentos desesperadores. Arthur Romão, obrigada por sempre me ajudar, sei que sempre me ajudará. Bethania Maia, por todos os conhecimentos.

Ao Zé Regino, que me despertou a curiosidade de ser atriz quando vi, aos cinco anos de idade, sua peça *A História do Balão Vermelho*.

Aos amigos da Multiuso Cópias, sem os quais teria sido muito mais difícil me formar.

Imensas gratidões a todos os funcionários do Café com Letras. Seria bem difícil ir para a aula sem o suco de laranja, café e pão de batata.

Obrigada a Wanderly por todos os figurinos feitos. Dona Maria e Cláudia pelas companhias antes das aulas e Adriana por seus doces maravilhosos.

À diretora desse filme-espetáculo, Leo Sykes. Sem ela seríamos mais uma turma de diplomação do departamento. Com ela, fomos A turma de diplomação que quebrou as barreiras e fez um filme, sem verba. Primeiro filme do departamento.

A todos os alunos e profissionais que nos ajudaram nessa montagem.

Aos professores mestres que me ensinaram e me fizeram crescer: Fernando Villar, Fabiana Marroni, Bidô Galvão, Cyntia Carla, Guto Viscardi, Marcelo Augusto, César Lignelli, Sulian Vieira, Luciana Hartmann, Giselle Rodrigues, Márcia Duarte, Alice Stefânia, Rita de Almeida Castro, Cecília Borges, Leo Sykes.

Imensas gratidões à minha nova família *Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro*, aos que passaram e aos que ainda estão: Alessandra Rosa, Alex Oliveira, Bárbara Rasso, Camila Oliveira, Danielle Freitas, Davi de Carvalho, Dinho Lacerda, Isaac Nunes, Isac Martins, Judith Diogo, Júlia Carvalho, Júnia Cascaes, Luciana Meireles, Mirella Dias, Natália Solorzano, Rafael Toscano, Sarah Menezes, Thiago Francisco e principalmente ao capitão do grupo: Tico Magalhães.

Minhas gratidões à Professora Mestra Cyntia Carla, que me orientou e me ensinou que qualquer tecido pode se transformar em um turbante maravilhoso. Que o nosso rosto é assimétrico, mas com a maquiagem somos fantásticos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
O Tema	
CAPÍTULO 1 – O MOVIMENTO FEMINISTA.....	11
1.1 As Sufragistas.....	13
1.2 O Movimento Feminista na Arte.....	18
CAPÍTULO 2 – O PROCESSO.....	26
2.1 Como chegamos ao filme?.....	26
2.2 A filmagem.....	29
2.3 O processo de sonorização do filme.....	31
CAPÍTULO 3 – A PERSONAGEM MÃE NA SOCIEDADE.....	34
3.1 A Mãe: Bela, Quase Recatada e do Lar.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXO I.....	46

*“Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem”*

Rita Lee

*“Vim aqui para saudar a força feminina
Essa força delicada, mãe quem nos ensina
A onça arranhou, perfumou a mata
Essa mesma onça roncou, abalou a terra”*

Mestra Dona Valdeci Rocha

INTRODUÇÃO

O TEMA

Depois de várias mudanças e muito café, resolvi abordar o feminino como tema. Procuro ponderar a relação da mulher com a arte, a sua importância.

Trarei várias reflexões de pensadoras e artistas sobre o feminismo, sobre o que é ser mulher, sobre a sociedade, como por exemplo: Simone de Beauvoir, Judy Chicago, Bertha Lutz, Nancy Spero, entre outras.

A escolha do tema foi algo bem preocupante para mim. Comecei com uma ideia fechada do tema *nudez* e depois de várias conversas com minha orientadora percebi que não fazia sentido eu pesquisar sobre o primeiro tema, já que o filme não mostrava aquela minha ideia inicial. Como irei defender a minha ideia?

Pesquisar sobre o feminino, me fez voltar décadas, séculos atrás. Fez-me lembrar do quão importante é o movimento feminista, o quão chocante foi uma mulher pisar nos palcos de teatro pela primeira vez, o frustrante saber que é tão difícil achar pesquisas sobre as primeiras atrizes brasileiras, o quão magnífico é ver a força da mulher em cena, seja atriz, seja brincante, seja artista.

Em uma disciplina uma professora me disse: você é uma mulher de teatro. E eu digo hoje: todas nós somos. Qual é o meu papel de artista aqui? Em 2013, tive a oportunidade de participar de uma montagem teatral na disciplina Direção Teatral 1, orientado por Luana Proença¹. A peça se chamava *Três Mulheres*, adaptação do poema *Três Mulheres* de Sylvia Plath e dirigido por Lory Simonetti. Nessa montagem, trouxemos para o público três momentos da mulher na década de 20. Trouxe para a minha mulher todo o contexto tradicional do feminino daquela época. Casar, ter filhos, ser uma boa esposa.

¹ Bacharel em Interpretação Teatral UnB/DF. Especializada em Gestão Cultural SENAC. Mestre em Artes UFU/MG. Atualmente é professora na área de Corpo, Movimento e Linguagem no curso de Graduação em Teatro do IESB/DF; Sócia-Fundadora, professora e administradora da No Ato Produções em Brasília-DF de 2008 a 2016. Lecionou interpretação, produção e direção na UnB/DF.

Em 2016, com *O Ouro, o Ladrão e sua Família*, filme apresentado na conclusão da disciplina Diplomação

2, colocamos uma pitada de crítica, de sátira nessa mulher. A personagem Mãe, uma vez que ela queima as partituras do marido, fuma no *bong*, sensualiza para o marido em cima da mesa na frente da família inteira, continuou sendo dona de casa, mãe de vários filhos e esposa.

É calúnia chamar a mulher de sexo frágil. É uma injustiça do homem para com a mulher. Se por força entendermos a força bruta, então sim a mulher é menos brutal que o homem. Mas se por força entendermos a força moral, então a mulher é infinitamente superior ao homem. Não tem maior intuição, maior abnegação, mais coragem, mais capacidade de suportar? Sem ela o homem não poderia viver. Se a não-violência é a lei da nossa existência, o futuro está nas mãos da mulher (...) Quem melhor que a mulher pode apelar para o coração? (GANDHI, 1893)

Apesar do açoite no lombo, da ordem de nos calar, da proibição de agirmos e da covardia da negação dos nossos direitos como cidadãos, nunca nos furtamos à luta. Provamos que **fragilidade** não pertence a nós.

“Não posso ser justa em relação aos livros que tratam da mulher como mulher... Minha ideia é que todos, homens e mulheres, o que quer que sejamos, devemos ser considerados seres humanos” (BEAUVOIR apud PARKER, p.10)

Por tudo isso, conduzirei essa monografia em três capítulos:

- Antes de falar sobre a força da artista, farei um apanhado histórico do feminino no primeiro capítulo. Devemos conhecer a nossa história antes, saber quais foram as lutas e porque elas lutaram. Colocarei aqui nomes de mulheres que lutaram pelo voto, artistas mulheres que fizeram uma revolução na década de 60.
- O segundo capítulo será sobre o processo de criação do filme-espetáculo *O Ouro, o Ladrão e sua Família*. Como chegamos ao filme, o processo de filmagem, como foi a sonorização do filme, a busca pela voz da dublagem dos personagens.

- O terceiro capítulo focará na artista, a mulher que conquistou os palcos, a relação da mulher artista e a sociedade e a minha criação da personagem, a força da minha personagem no filme.

CAPÍTULO 1 – O Movimento Feminista

O século XX foi palco de conquistas significativas para as mulheres. O movimento feminista obteve muitas vitórias, tanto nos países industrializados (onde era mais forte) como nos países em desenvolvimento. Temos várias histórias registradas de mulheres indo às ruas lutarem pelo seu direito de voto, direito trabalhista, direito de **ser mulher**.

Todos nós sabemos das lutas incansáveis das mulheres ao longo dos anos pela igualdade social. Sabemos que o Dia das Mulheres, datada em 08 de março, não é para receber flores e um simples: feliz dia da mulher. Ao ser criada esta data, não se pretendia apenas comemorar. Na maioria dos países, realizam-se conferências, debates e reuniões cujo objetivo é discutir o papel da mulher na sociedade atual.

O esforço é para tentar diminuir e, quem sabe um dia terminar, com o preconceito e a desvalorização da mulher. Mesmo com todos os avanços, nós ainda sofremos, em muitos locais, com salários baixos, violência, misoginia, jornada excessiva de trabalho e desvantagens na carreira profissional. Sabemos que o dia 8 de março é o resultado de uma série de fatos, lutas e reivindicações das mulheres (principalmente nos EUA e Europa) por melhores condições de trabalho e direitos sociais e políticos, que tiveram início na segunda metade do século XIX e se estenderam até as primeiras décadas do XX.

Conhecemos a história:

No dia 8 de março de 1857, trabalhadores de uma indústria têxtil de Nova Iorque fizeram greve por melhores condições de trabalho e igualdades de direitos trabalhistas para as mulheres. O movimento foi reprimido com violência pela polícia. Em 8 de março de 1908, trabalhadoras do comércio de agulhas de Nova Iorque, fizeram uma manifestação para lembrar o movimento de 1857 e exigir o voto feminino e fim do trabalho infantil. Este movimento também foi reprimido pela polícia.

No dia 25 de março de 1911, cerca de 145 trabalhadores (maioria mulheres) morreram queimados num incêndio numa fábrica de tecidos em Nova Iorque. As mortes ocorreram em função das precárias condições de segurança no local. Como reação, o fato trágico provocou várias mudanças nas leis trabalhistas e de segurança de trabalho, gerando melhores condições para os trabalhadores norte-americanos.

O movimento feminista brasileiro teve como sua principal líder a bióloga e zoóloga Bertha Lutz, que fundou, em 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Essa organização tinha entre suas reivindicações o direito de voto, o de escolha de domicílio e o de trabalho, independente da autorização do marido.

“A mulher é metade da população, a metade menos favorecida. Seu labor no lar é incessante e anônimo; seu trabalho profissional é pobremente remunerado, e as mais das vezes o seu talento é frustrado, quanto às oportunidades de desenvolvimento e expansão. É justo, pois, que nomes femininos sejam incluídos nas cédulas dos partidos e sejam sufragados pelo voto popular”. (LUTZ, 1936)²

As mulheres sempre estiveram presentes na História, no centro – como rainhas, princesas ou feiticeiras – ou nas margens – as mulheres camponesas, trabalhadoras, operárias, escravas – mas são pouco estudadas ou reconhecidas em seus próprios termos, ou seja, sob uma perspectiva feminina (HAHNER, 1981). No Brasil, é importante ressaltar que a FBPF³ não foi o único movimento feminista do período, tampouco a primeira expressão de mulheres que se reuniram por uma causa em comum; porém foi o movimento que ganhou maior expressão e reconhecimento no país, talvez por ser composto por mulheres da elite ou talvez por não ser radical, embora, nas palavras da principal liderança, Bertha Lutz:

O movimento feminino é geralmente uma reforma pacífica, mas nem por isso deixa de ser uma revolução de costumes, praxes e leis. A nenhum movimento melhor se aplica o conceito de Revolução permanente, criado por um observador contemporâneo (LUTZ apud SOIHET, p. 220).

² Primeiro discurso de Bertha Lutz na Câmara dos Deputados no dia da sua posse, 28 de Julho de 1936. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/cidadania/edicoes/546/discurso-de-bertha-lutz-ha-80-anos-permanece-atual>.

³ FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO. Movimento de âmbito nacional organizado no Rio de Janeiro em 1922 com o objetivo de defender os direitos da mulher brasileira. Foi extinto em 1937.

Essas mulheres, que trarei como exemplos, sem dúvida, romperam com os ideais da sua geração e buscaram expandir seu conhecimento e adentrar em espaços que não eram bem vindas, como o da política.

1.1 As Sufragistas

A história da luta pelo direito de voto das mulheres teve seus primeiros capítulos escritos ao lado da luta pelo fim da escravidão nos Estados Unidos. Ela foi iniciada ainda no século XIX, com a participação das mulheres norte-americanas nas campanhas pela abolição da escravatura, destacando-se a atuação de Susan Brownell Anthony e Elizabeth Cady Stanton. Inicialmente, a ideia era que, ao lado da emenda que abolisse a escravidão também fosse aprovada uma emenda que desse direito de voto às mulheres. Mas não foi assim que aconteceu. O Congresso aprovou apenas a emenda nº 13, extinguindo a escravidão nos Estados Unidos.

Figura 1 – Susan Brownell Anthony e Elizabeth Cady Stanton, ativistas dos direitos das mulheres



Fonte: <http://ecssba.rutgers.edu/resources/sbabio.html>

Em 1870, foi aprovada a emenda constitucional nº 15, garantindo o direito de voto aos homens de qualquer raça, cor e condição social, deixando-se de fora, porém, a mulher. Uma nova batalha foi então iniciada com a apresentação no Congresso de uma emenda pelo voto feminino, que ao final levou o nome de Susan Anthony, sua idealizadora.

Enquanto no final do século XIX, os EUA já possuíam um território com o direito do voto feminino (território de Wyoming), somente nos anos 20 o Brasil começou a abrir os olhos para a luta. O movimento decisivo para a conquista do voto pelas brasileiras chegou com a bióloga Bertha Lutz. A década de 1920 foi uma época conturbada, anunciando as grandes transformações dos anos 30. A classe operária se organizava, os intelectuais rompiam com o pensamento tradicional, as classes médias pediam mais representação política e as mulheres queriam votar.

Os primeiros anos de atividade sufragista organizada no Brasil trouxeram poucos resultados concretos. O voto feminino não foi apenas um movimento da classe média brasileira, mas essa proximidade que as sufragistas brasileiras tinham com a elite política facilitou, com certeza, a obtenção do voto feminino no Brasil, mais cedo do que a maioria dos países latino-americanos.

O Rio Grande do Norte foi o primeiro estado brasileiro a conceder o voto à mulher. Mas, na primeira eleição em que as mulheres votaram, seus votos foram anulados por decisão da Comissão de Poderes do Senado Federal, em 1928, sob a alegação de que era necessária uma lei especial a respeito.

No final de agosto de 1931, o Governo Vargas liberou um Código Provisório que concedia **voto limitado** às mulheres, ou seja, somente solteiras, viúvas com renda própria ou casadas com a autorização do marido poderiam votar. E, finalmente, o novo Código Eleitoral foi decretado em 24 de fevereiro de 1932 concedendo pleno direito de voto às mulheres sob as mesmas condições que os homens. A mulher brasileira podia então, dirigir seu destino e o da Nação, “o Brasil tornou-se o quarto país no hemisfério ocidental a conceder o voto às mulheres, seguindo o Canadá, os Estados Unidos e o Equador” (HAHNER, 1981: 96-120).

Vasculhando registros históricos das sufragistas em sites do governo, eis que me deparo com a seguinte notícia: “A primeira mulher a ter o direito de votar no Brasil foi Celina Guimarães Viana.” E isso bem antes do Código Eleitoral de 1932. O caso ficou famoso mundialmente, mas a Comissão de

Poderes do Senado, **não aceitou o voto**. No entanto, a iniciativa da professora marcou a inserção da mulher na política eleitoral.

Com o movimento feminista brasileiro crescendo e as realizações pelo direito ao voto feminino, eis que nos surge mais uma conquista: Alzira Soriano se elegeu prefeita, em 1928, da cidade de Lages – Santa Catarina – e tornou-se a primeira mulher a subir um cargo eletivo na América do Sul. Após a liberação de Getúlio Vargas, as brasileiras começaram a se candidatar. Carlota Pereira de Queiroz tornou-se a primeira deputada federal do Brasil (1934). A pioneira Bertha Lutz ficou na suplência (1936), muitas outras mulheres elegeram-se deputadas estaduais.



4



5

⁴ Celina Guimarães Vianna: Foi a primeira eleitora do Brasil, alistando-se aos 29 anos de idade. Fonte: Tribunal Superior Eleitoral.

⁵ Primeiro Congresso Feminino Brasileiro. Ao centro, a líder norte-americana Carrie Chapman Catt, ao lado de Berta Lutz (de branco). Fonte: Rio de Janeiro, dezembro de 1922. Arquivo da Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Disponível em <http://www.exposicoesvirtuais.arquivonacional.gov.br/>.



Hoje, século XXI, nos deparamos com talvez uma das maiores conquistas femininas: uma mulher na presidência do Brasil. Uma mulher que entrou no universo machista e jogou até o fim. Vimos que sua luta não foi de lamentos, choros ou que demonstrasse qualquer fraqueza. Ao contrário de tudo que se espera de uma mulher.

Em um artigo publicado no HuffPost Brasil, a estudante Thais Viyuela diz: *A política não veste saia*. E começa seu artigo com uma frase de Maria Gabriela Saldanha, escritora e militante feminista: “Democracia, substantivo feminino, passível de feminicídio porque ousou vestir suas saias pela primeira vez.”.

A imagem de Dilma Rousseff como presidenta incomodou. Como Bertha Lutz deve ter incomodado na década de 20, ou como Susan Brownell Anthony e Elizabeth Cady Stanton reviraram os EUA no século XIX. As mulheres precisaram enfrentar sérios obstáculos para que tivessem seus direitos humanos e políticos reconhecidos.

Não faz muito tempo desde que a arte começou a se ramificar, atingindo espaços como a política - âmbito que se manteve afastada de outros assuntos por longo período.

Se nós partimos do princípio de que a arte é a expressão cultural de um povo, que as diversas artes existentes exprimem a vontade, a cultura, a liberdade de um povo, tanto quanto expressam o belo, então é perfeitamente concebível o uso da estética para traduzir um

⁶ Carrie Chapman Catt, líder feminista. Fonte: Wisconsin Historical Society. Disponível em <http://www.catt.org/ccabout.html>.

conjunto de valores políticos e, nesse caso, nada mais natural do que a possibilidade de relacionar Arte e Política. Uma forma de arte como o teatro, a música, a literatura, o cinema, podem traduzir tanto situações comuns do cotidiano quanto relações de poder e dominação, ideologias, ideias, formas de organização política. São incontáveis os exemplos de manifestação política através do teatro, da música, da literatura, do cinema e até da poesia. (MEDEIROS, 2011)

Trazendo a fala de Aleksandro M. Medeiros, professor assistente da Universidade Federal do Amazonas, passo para o segundo tópico desse capítulo: “O Movimento Feminista na Arte”.

1.2 O Movimento Feminista na Arte



⁷ O passado da mulher foi repleto de privações nas diversas esferas sociais. No teatro não foi diferente. Durante séculos, apenas os homens atuavam. No teatro clássico os papéis femininos eram representados por homens com a utilização de máscaras. Posteriormente, a maquiagem e o figurino promoviam a caracterização. Somente a partir do século XVII, as mulheres passaram a dividir a cena primeiramente na Inglaterra e na França.

E na França, Therese du Parc, conhecida depois como La Champmeslé, integrante do grupo de Molière e posteriormente parte do elenco de Jean Racine, é o primeiro nome feminino de que se tem registro na história do teatro. Foi a atriz que primeiro interpretou um papel principal de um espetáculo. Interpretou Fedra, personagem principal de “Phèdre” (Racine).

Irônico pensar que os registros que temos das primeiras atrizes tem uma grande lacuna entre o século XVII e o século XX. São escassas as pesquisas sobre as *performances* das mulheres na arte entre esses anos, principalmente

⁷ La Champmeslé, dos registros que temos, foi a primeira atriz.

sobre o próprio teatro. Já nas artes plásticas, esse movimento artístico feminista começou a ocorrer ainda na década de 60. Tive bastante dificuldade em encontrar material que citasse mulheres atuando nas artes. E por conta dessa dificuldade, decidi focar no tema “mulher”, de uma forma mais ampla.

Nada foi escondido nos anos 60. Pois é nesse ano que as mulheres se envolveram na criação de um tipo específico de *performance* artística, tendo contribuído de forma decisiva para o estabelecimento da arte da *performance* enquanto atividade artística autônoma na década de 1970. Em definição de Bia Medeiros⁸, a *performance* é:

O que denominamos performance é arte, isto é, voluntariamente ato que visa revelar o outro do mundo sensível e, assim fazendo, criar faíscas de inteligibilidade. Inteligibilidade entendida sempre como faísca: pedaços desgarrados de compreensão redimensionável. [...] A percepção é aquilo que nos deixa abertos ao mundo. A performance quer tocar a percepção e ser guardada como sensação. (MEDEIROS, 2007)

As fundações mais imediatas desta nova forma de expressão artística encontram-se em abordagens inovadoras nas artes visuais e no movimento da nova dança, onde as mulheres tiveram grande protagonismo, destacando-se artistas como Yvonne Rainer, Carolee Schneemann, Trisha Brown, várias *performers* associadas com a Judson Dance⁹ e outras associadas ao Fluxus¹⁰, tais como Alison Knowles ou Yoko Ono.

A arte chegou no mesmo impasse que a cultura americana já começou a ultrapassar. Tinha de se inventar um novo tipo de arte e é exatamente nesse momento que o feminismo entra no mundo da arte. (FOX, 2004)¹¹

⁸ Maria Beatriz de Medeiros é pós-doutora no Collège International de Philosophie, Paris, 1999; doutora em Artes e Ciências da Arte, Université Paris I-Sorbonne, 1989; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos; Pesquisadora do CNPq; professora do Departamento de Artes Visuais UnB.

⁹ Foi uma coletiva de dançarinos, compositores e artistas plásticos onde performavam no Judson Memorial Church em Greenwich Village, Manhattan New York City entre os anos de 1962 e 1964.

¹⁰ Foi um movimento artístico de cunho libertário, caracterizado pela mescla de diferentes artes, primordialmente das artes visuais, mas também da música e literatura. Teve seu momento mais ativo entre a década de 1960 e década de 1970, se declarando contra o objeto artístico tradicional como mercadoria e se proclamou como a antiarte.

¹¹ Pintor Howard Fox sendo entrevistado no filme de Lyn Hershman Leeson: *!Women Art Revolution*.

As mulheres começaram a perfurar cada espaço em que se encontravam os homens. Vestiram calças, shorts, foram para o escritório, para as ruas protestar, votar, foram para os palcos e para as galerias. “Sem dúvida, a mulher é, como o homem, um ser humano.” (BEAUVOIR, 1949, p.10).

Mas a conquista na arte não foi algo simples. Ainda hoje sofremos vários preconceitos em qualquer lugar, seja na arte, na política, na educação: na sociedade. Esses seres, chamado de “sexo frágil”, não eram vistas como artista. Galerias não aceitavam seus trabalhos por não considerá-los arte. Havia um nome feminino assinado. Era o descalabro em ação.

No final da década de 60 nos EUA, algumas mulheres artistas formaram uma coligação que chamaram *WAR – Women Art Revolution*¹², na época elas não tinham quase nenhuma visibilidade.

“Aprendi, sabe? Vi muitas faces do mundo real, e o que significava ser uma mulher artista na sociedade e no mundo da arte. E do jeito que era... Era muito duro.” (SPERO, 2008)

Em meados da década de 70, Faith Ringgold, uma das artistas membro de WAR, ameaçou um protesto caso não integrassem mulheres nas exposições.

“Percebemos que pequenas mudanças causam grandes transformações.” (RINGGOLD, 1991)

No início dos anos 1970, Linda Nochlin¹³ publicou um consagrado artigo que, até hoje, suscita reflexões sobre a ínfima participação das mulheres na história da arte. Em “Why there have been no great women artists?”¹⁴ a autora coloca questões perturbadoras: existiram mulheres artistas no passado? Se sim, por que não as conhecemos? Pela simples justificativa de que sempre, em toda a História, os fatos são contados pelo opressor, pelo dominante, nunca pelo oprimido. A História é branca, pertence à classe alta e é masculina.

¹² Livre tradução: WAR – Mulheres Artistas em Revolução

¹³ Historiadora de arte feminista, conhecida por seu artigo pioneiro em 1971 "Why Have There Been No Great Women Artists?" (livre tradução: porque não houve grandes artistas mulheres?)

¹⁴ Livre tradução: Porque não houve grandes artistas mulheres?

A mulher era aceita como musa, como um objeto de desejo masculino. Mal sabiam eles que nós já estávamos muito mais a frente. Começamos a não só protestar, mas usar a arte como uma forma de manifesto também. Esse movimento era mais forte nas artes plásticas e nas *performances*.

Conhecemos Ana Mendieta, artista plástica e *performer* cubana, que salientava a natureza temporal e a fragilidade do corpo da mulher. Não era apenas uma expressão artística, mas era uma expressão política de como a violência fazia ela se sentir.

Sua arte foi construída a partir das relações estabelecidas entre os seguintes elementos: território, corpo e ritual (dos cultos pré-colombianos às atuais cerimônias sincréticas da *santeria*). (Santos, 2008)

Mendieta pressiona placas de vidro sobre seu rosto, seus seios e sua barriga, para assim evidenciar grotescas deformações e redescobrir a formosura do corpo como abuso estético e como lugar de violência. Com isso, ela reage a sua condição de mulher de origem hispânica entre homens que nela encontram motivo para continuar cultivando um fantasioso *mito do latino ardente*, e que a encaram como um *ser maligno*, dotado de agressivo erotismo. (ORZESSEK, 1996, p.18)

Tais artistas, e várias outras, denunciam as atrocidades sofridas por muitas mulheres ao longo da história aquelas que sempre estiveram atrás dos homens, sem direito à voz, muito menos ao prazer. Como já disse a artista norte-americana Bárbara Kruger¹⁵: “nosso corpo é um campo de batalha”. (Santos apud Kruger, p.18).

¹⁵ Nascida em Nova Jersey em 1945, Barbara Kruger dedicou sua obra à arte conceitual que remete à linguagem da publicidade para questioná-la. As artes mais famosas de Bárbara Kruger seguem sua linha de feminismo, crítica ao consumismo/capitalismo e outros assuntos como violência, discriminação e saúde pública.



16

Existiam *performances* em que os próprios *performers* não podiam se proteger, Yoko Ono e Marina Abramović são exemplos. Na *performance Cut Piece (Corte em Pedacos)* de Yoko Ono em 1964, Yoko sentou sem se mover no palco após convidar o público para cortar a sua roupa.



17

Marina Abramović, em 1974, cria *Rhythm¹⁸ 0*. Abramović transformou seu corpo em um objeto passivo, sem qualquer impulso reativo. Colocou sobre uma mesa de 72 objetos de prazer e de dor e escreveu em uma placa: "Há 72 objetos sobre a mesa, que você pode usar como quiser". Inicialmente, os membros da plateia reagiram com cautela e modéstia, mas com o passar do tempo, as pessoas começaram a agir de forma mais agressiva. Eles cortaram suas roupas, eles tocaram seus lugares mais íntimos e uma pessoa chegou a

¹⁶ Untitled (Tree of Life). 1979, fotografia de Hans Breder.

¹⁷ Figura 10: CUT PIECE. 20 de Julho de 1964 no Yamaichi Concert Hall, Kyoto, Japão.

¹⁸ Livre tradução: ritmo.

colocar uma bala na arma e como numa roleta russa, apontar a arma para a cabeça dela e forçar sua mão a puxar o gatilho e ela não resistiu. O segurança do local foi quem interviu retirando a arma.



19

Durante 6 horas, ela esteve passiva às ações. Esta *performance* mostrou os limites da relação entre artista e público e a necessidade iminente de brutalização da humanidade.

Voltando para o pensamento de Linda Nochlin, ela conclui que, apesar de terem existido muitas artistas com um trabalho interessante, de fato, não existiram *great women artists*²⁰. A história tratou de apagar sua participação. O que surpreende a historiadora da arte é que, mesmo assim, fosse possível encontrar no passado tantas mulheres brilhantes nas artes, como noutras áreas.

Um século antes, em 1881, a artista e feminista Marie Bashkirtseff chegara a uma conclusão semelhante: “Perguntam-nos com ironia indulgente quantas grandes mulheres artistas é que existiram. Ah, senhores, existiram algumas o que é surpreendente tendo em conta as enormes dificuldades com que se depararam.” (BASHKIRTSEFF apud NOCHLIN, p. 209)

A busca das mulheres pela equiparação dos seus direitos perante a sociedade não é assunto recente e está longe de ter um ponto final. Ao longo

¹⁹ Marina Abramović em *Rhythm 0* (1974).

²⁰ Livre tradução: grandes artistas mulheres.

da história, várias mulheres, seja por suas ideias ou suas atitudes, se opuseram às restrições impostas à mulher, quebrando paradigmas e influenciando a mudança do pensamento das pessoas de seu tempo e também das que viriam depois. No Brasil não foi diferente.

No entanto, no que tange à história da arte brasileira, muito pouco ainda se sabe sobre as artistas, atrizes atuantes anteriormente às consagradas modernistas. É como se, antes dos anos de 1920, simplesmente não tenham existido atrizes no país, diferente da Europa, no século XVII, em que encontramos registros de La Champmesle.

Já nas Artes Plásticas, a primeira artista a ser premiada, em 1884, é do interior do Rio de Janeiro, da cidade de Vassouras, e se chamava Abigail de Andrade. Pioneira, teve bom reconhecimento da crítica, fez várias exposições, mas, infelizmente, nenhum museu público tem obras dela. As instituições da época não tinham um olhar para as mulheres, o que foi gerando vários empecilhos ao longo do tempo. No Brasil, isso não é uma questão de política afirmativa apenas, a questão é que historicamente as mulheres foram classificadas como amadoras. Os críticos de arte viam as mulheres à maneira do seu tempo, como seres sem plena capacidade.

Há obras que até chegaram a museus, mas ficaram em reservas técnicas. Foi o caso de Julieta de França (1872), uma escultora nascida em Belém, no Pará, e filha de músicos, que veio para o Rio onde fez parte do primeiro grupo de alunas da Escola Nacional de Belas Artes. Pouco se sabia sobre essa mulher.

Quantas artistas brasileiras passaram parte de sua vida criando e não foram nem sequer lembradas? Porque não entraram para a história? Porque não temos esse acesso? Porque não é falado no dia a dia? O teatro, a arte tem que ser estudada bem mais a fundo.

São muitas dúvidas que tenho e poucas respostas. Por mais que pra mim a resposta seja óbvia, ela não é vista como tal. Quando escuto qualquer dessas perguntas acima, penso: quero que o mundo todo perceba que a mulher também é importante. É obvio não? Não é porque elas têm peitos,

vagina que têm que ser tratadas dessa forma: com discriminação. Já escutei: “Muitas mulheres são mais macho que os próprios homens!”. E parece que isso mexe com a masculinidade deles. As mulheres também conseguem fazer o “trabalho de homem”. Estamos em pleno século XXI, e o pensamento da sociedade me assusta.

CAPÍTULO 2 – O PROCESSO

2.1 Como Chegamos ao Filme?

É engraçado parar para pensar que há dois anos estávamos decidindo a peça da nossa vida. Como seria? Vamos escolher alguma peça e montar? Vamos escrever a nossa própria peça? Sonoplastia ao vivo? Quem irá nos orientar? Temos que pensar nos direitos autorais de tudo!

Chegamos ao final com pelo menos cinco coisas decididas:

- O tema: Família;
- Três filmes como inspiração: *Álbum de Família*, *Beleza Americana* e possivelmente *Precisamos Falar Sobre Kevin*;
- Uma peça autoral e a utilização de outras linguagens, ou seja, filme (ou algo filmado e projetado, como eu tinha imaginado que seria);
- Nossa diretora (e não orientadora): Leo Sykes²¹;
- R\$ 4.000,00 para bancar o filme;

Nós apenas não sabíamos o que nossa diretora estava pensando. No início da disciplina Diplomação 1, nada do que ela pedia ou passava para nós fazia sentido para mim. Como que isso vai funcionar na peça? Porque estamos fazendo isso? O que Leo Sykes está pensando? Isso será útil para a peça? Coitados, meros estudantes de artes cênicas que não sabiam nem como montar sua diplomação.

A ideia da projeção, até então para mim ainda não era um filme, ser preto e branco e mudo veio de uma curiosidade que Leo trouxe para nós: como

²¹ Leo Sykes é doutora em teatro pela Universidade de Warwick e professora de Artes Cênicas no CEN/IDA da Universidade de Brasília. Ela é diretora do Circo Teatro Udi Grudi, grupo brasileiro com o qual já ganhou vários prêmios nacionais e internacionais. É diretora visitante do Teatret Om na Dinamarca e de 1991-1996 foi assistente de direção do Eugenio Barba do Odin Teatret na Dinamarca. Também escreve roteiros e dirige filmes e coordena o evento Encontro de Diretores.

o seu pai fazia a sonoplastia de seus filmes? Atirando batatas na parede. Era assim que ele conseguia os sons de socos nos filmes.

Com a aprovação da turma de ter cenas filmadas em preto e branco e ser mudo, Leo Sykes já tinha em mente de como tudo seria.

A partir do tema, improvisamos as situações e desdobramentos para construir a dramaturgia do espetáculo. Havia semanalmente improvisos a partir de espaços de uma casa (sala, banheiro, cozinha, jardim, sala de jantar, quarto) com algum subtema para nortear. Cada aluno tinha sua temática e contra temática para pesquisar e criar material cênico. Nesse exercício, cada um trabalharia do jeito que quisesse o espaço e o tema. No meu espaço, optei pelo jardim do Departamento de Artes Cênicas: o que uma família faria numa tarde ensolarada no jardim de sua casa? Com todas as propostas expostas, Leo escolheu algumas cenas dos improvisos e começou a montar o roteiro.

Com o roteiro impresso e em mãos, percebemos que não iria ser uma peça. Nunca foi uma peça, para Leo. Era um filme. Primeira diplomação do departamento de Artes Cênicas da UnB que fará um filme autoral, sem verba, com a cara e a coragem. Para mim, foi uma grande preocupação: nunca fizemos um filme. Alguns já tinham feito curtas ou até mesmo propagandas, mas nada tão grande como um filme. “Somos atores de teatro, estudei teatro a minha graduação inteira, nunca tive contato com uma câmera, nunca fiquei à frente de uma câmera.”, era a minha consciência chorando todo dia.

Depois de dois meses de trabalho, com bastante material cênico, Leo finalizou o primeiro roteiro, que se chamava *(In)Cômodos*. A história do filme foi livremente e levemente inspirada na história real de *Ronnie Biggs*²², sem o compromisso com a descrição dos fatos e com o total compromisso com o humor, o filme conta a história de um ladrão que rouba um trem e foge com todo o ouro, se escondendo durante anos da justiça.

Setenta e cinco anos depois, já numa cadeira de rodas, o ladrão comemora seu aniversário de 103 anos com a sua amada e conturbada família. Cada membro revela suas neuroses, vícios, loucuras e segredos durante a ceia, que sofre uma reviravolta surpreendente na hora de apagar as velinhas.

²² Ronald "Ronnie" Arthur Biggs foi um ladrão e ex-prisioneiro britânico mais conhecido por escapar da cadeia após sua participação secundária no roubo a um trem postal em 1963.

Basicamente ele era um roteiro de cenas só com as ações, que sofreu muitas mudanças até a semana de filmagem. Minuciosamente trabalhamos os detalhes das ações e as relações entre os personagens e a escolha dos mesmos. Minha personagem e a do Bruno foram praticamente os primeiros a aparecerem. Enfim, a decisão: Arthur, Bianca, Luciana, Louise, Ramon e Ricardo como os filhos, Iury como o avô, Cíntia como a estranha, Bruno como o pai e eu como a mãe, a matriarca da casa.



23

Tendo os papéis distribuídos, o tema *Mulher* começou a se fortalecer. Metade da turma era formada por mulheres, tínhamos uma diretora mulher no comando do filme. Um ponto importante para ser discutido. Do mesmo jeito que Linda Nochlin se questiona do porque não há grandes artistas mulheres no mundo, eu pergunto: cadê as mulheres diretoras no mercado? Onde estão os reconhecimentos de Carla Camurati (dirigiu, em 1995, o longa-metragem *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*), Anna Muylaert (dirigiu, em 2015, *Que Horas ela Volta?*)?

Em 2015, nos EUA, a ACLU (*American Civil Liberties Union*²⁴), uma ONG norte-americana de defesa dos direitos do cidadão, enviou uma carta às autoridades da Califórnia pedindo uma fiscalização da indústria cinematográfica de Hollywood devido a uma exclusão generalizada de mulheres diretoras, tanto no cinema quanto na TV.

²³ Ensaios. Foto tirada por Lorena Pires.

²⁴ Livre tradução: União Americana pelas Liberdades Civis.

Os dados que a ACLU mostram são interessantes porque já fazem cair por terra aquela que seria a resposta mais óbvia para a falta de mulheres nessas grandes produções: a de que há poucas diretoras no mercado. Na verdade, o número de homens e mulheres se formando em escolas de cinema tem sido bastante equiparado nos últimos anos, destruindo a ideia de que não existe uma mão de obra qualificada feminina para o serviço. Elas existem, mas o mercado as excluem.

2.2 A filmagem

Iniciamos a semana de filmagem depois de muito ensaio e mudanças no roteiro. Com o cenário e o set de filmagem prontos, começamos a filmar. Foi uma semana árdua. Horário para estar no set de filmagem era às 07h da manhã e às 08h todos tinham que estar prontos para começar a filmar.

Foi um momento bem difícil para todos, tínhamos que ser somente atores. No Departamento de Artes Cênicas não somos somente atores, somos cenógrafos, figurinistas, iluminadores, maquiadores, produtores, somos tudo. E naquele momento não éramos nada disso. Era horrível ter que ficar sentado horas esperando a sua cena. Às vezes o cronograma atrasava e a sua cena não era filmada naquele dia. Foi difícil, mas tivemos uma experiência incrível.

Leo Sykes passava para nós uma confiança maravilhosa. A forma como ela nos dirigia era genial. Ela via a cena e conseguia encaixar esse olhar na câmera. Era como se a câmera fosse literalmente seus olhos. Ela dava estímulos em todas as cenas, como por exemplo, colocar *Like a Virgin* de Madonna para tocar na cena sensual da Mãe em cima da mesa.



Assistíamos as cenas filmadas, trocávamos ideias, refazíamos as cenas e comemorávamos juntos.

“IT’S A WRAP!” (SYKES, 2016)²⁶



²⁵ Cena sensual da Mãe em cima da mesa. Fotografia de Bruno Corte Real.

²⁶ Frase utilizada em gravações de filmes e significa que o "material bruto" está pronto para ir para edição e pós-produção.

²⁷ Cenas em andamento da filmagem. Fotografia de Helena Dupin.

²⁸ Cena final excluída do filme. Fotografia de Lorena Pires.

2.3 O processo de sonorização do filme

Com o filme pronto e com o seu novo título: *O Ouro, o Ladrão e sua Família*, a turma passou para o trabalho de sonorizar o filme ao vivo no segundo semestre de Diplomação. A pesquisa sonora partiu de diversos objetos e seus possíveis desdobramentos, a voz dos atores (que dublam seus personagens em *grammelot*) e instrumentos também foram utilizados. Depois de um ano de processo (construção do roteiro, filmagens, edição e sonorização) a turma de Diplomação estreou no Museu Nacional da República.

Considerado um dos maiores praticantes da língua inventada, no exercício da cena teatral, Dario Fo faz referências ao uso do *grammelot* como palavra de origem francesa, criada pelos cômicos *dell'Arte*. “Apesar de não possuir significado intrínseco, sua mistura de sons consegue sugerir o sentido do discurso”. Trata-se, portanto de um “jogo onomatopeico, articulado com arbitrariedade, mas capaz de transmitir, com o acréscimo de gestos, ritmos e sonoridades particulares, um discurso completo”. (FO, 1999)

Dario Fo foi a nossa fonte de inspiração para a dublagem dos personagens. Pouquíssimas palavras eram soltas no meio do *grammelot*.

O trabalho de buscar a voz do personagem veio muito das manias dos personagens e de sua história pessoal. Ramon Lima, por exemplo, trouxe sua voz mais grave e assustadora na sua concepção de ladrão. Bianca Ludgero era a filha lerda, então ela trouxe para a sua personagem a lentidão na voz, frases que demoravam a se completar. Muitos encaixaram o sotaque escolhido com a criação da voz. Ricardo Holanda escolheu o sotaque russo e deu para o seu personagem um tom áspero em sua voz. Já para a Mãe, a sensual, decidi usar o sotaque francês, ou melhor, uma célula desse sotaque. Porque o francês? O fato é que o sotaque é uma particularidade de cada país, e que alguns deles são conhecidos como sexy. O italiano e o francês são exemplos disso. São pronunciados como canto.

Com a minha voz escolhida, trouxe para a Mãe mais um tom de sensualidade. Usava palavras soltas no meio do *grammelot* como: *soutien, petit gateau, sofa, abat-jour, bleu*.

Tivemos a ajuda de Glauco Maciel²⁹ na supervisão da sonoplastia. Glauco compôs duas músicas para o filme: *Blackmail Blues* e *Funk do Vovô*.

Ele iniciou os trabalhos nos dando uma aula de Foley e de Sonoplastia, nos trouxe várias referências de filmes como *Psycho* e *Blade Runner*. Mostrou-nos vários sons que poderiam ser encaixados nas cenas.

Cada segundo do filme era preenchido com algum som eletrônico ou por objetos manuseados pelos atores. Bruno Bloch ficou com a parte do piano, música de fundo como era feito na época dos filmes mudos. O restante da turma ficou responsável por pesquisar sons que encaixassem nos movimentos do filme. Provavelmente foi a parte mais sofrida do processo todo. Cada cena tinha seus sons específicos, se atrasássemos um milésimo de segundo estaria errado.



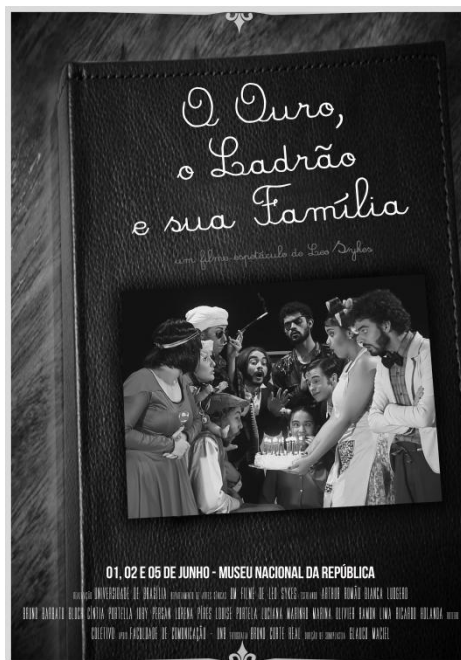
30

Diplomação 2 foi o processo mais difícil dessa trajetória toda. Saíamos do ensaio e todo som que eu escutava me remetia ao filme, todo instrumento que eu via achava interessante para o filme. “O simples é melhor”, era a minha consciência me repreendendo. Via desenhos do Walt Disney e pesquisava como eles faziam os sons naquela época, e eram monstruosos os resultados. Começamos então a trazer o simples para o filme: copos de plástico, balão, pequenos instrumentos como o apito, agogô de madeira, flauta de êmbulo, etc.

E depois de muito esforço, estreamos o filme espetáculo de vinte e sete minutos no Museu Nacional da República nos dias 01, 02 e 05 de Junho de 2016. Um filme com a estética dos anos 30, mas com a sonoplastia de foley ao vivo.

²⁹ Tecnólogo, Músico e Produtor em Audiovisual - Área específica (Áudio) com experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teatro, Rádio, Televisão e Cinema, atuando principalmente nos seguintes temas: produção musical, sonoplastia, criação de Foleys, trilha sonora e Desenho de som.

³⁰ Ensaios de sonoplastia para o filme.



31



32

³¹ Cartaz de divulgação do filme. Foto de Bruno Corte Real e arte de Arthur Romão.

³² Sonoplastia sendo feita ao vivo. Fotografia de Bruno Corte Real.

CAPÍTULO 3 – A PERSONAGEM MÃE NA SOCIEDADE

Talento, habilidade e um olhar sensível não eram os únicos pré-requisitos para uma mulher se tornar artista no Brasil do final do século XIX e início do século XX. Era preciso, também, determinação, força de vontade e uma certa dose de teimosia para romper as barreiras da sociedade da época, que, seguindo o ideário burguês, impunha restrições à circulação pública da mulher, restringindo-a a um papel social prioritariamente da esfera privada. Quatro artistas brasileiras, em particular, enfrentaram essas dificuldades e abriram espaço para mulheres das gerações seguintes: a poetisa Gilka Machado (1893), a pintora Georgina de Albuquerque (1885), a escultora Nicolina Vaz de Assis (1874) e a musicista Chiquinha Gonzaga (1847).

As mulheres estão construindo e conquistando seus projetos profissionais no mundo das artes há muito tempo. O corpo da mulher talvez esteja aprisionado e sufocado pelo trabalho repetitivo e monótono da domesticidade, porém sua criatividade não se consome neste trabalho.

Uma mulher chega a esse mundo-entre-mundos através de anseios e da busca de algo que ela vê apenas com o cantinho dos olhos. Ela chega lá com artes profundamente criativas, através da solidão intencional e da prática de qualquer uma das artes. E mesmo com essas práticas bem executadas, grande parte do que ocorre neste mundo inefável permanece para sempre um mistério para nós por desrespeitar as leis físicas e racionais como as conhecemos. (ESTES, 1994)

Essa busca lhe é dada “com o cantinho dos olhos” porque não lhe é permitido o olhar diretamente. Mesmo talentosa e guerreira, embora solitária, pois, coitada, sua luta é individual.

A meu ver, a mulher artista ultrapassa a dimensão de cidadã no mundo, pois além de colocar os interesses da humanidade acima dos da pátria, alcança ser cidadã do universo. Através da arte podemos devolver ao mundo nossas insatisfações, frustrações, nossa força, em forma de cultura. Criamos cultura, valores e símbolos. Criamos a vida.

Promove seu próprio ato de liberdade, desvencilhando-se de seus espalhos físicos e sociais, reabastecendo-se no próprio processo no qual se

realiza. As mulheres de sociedades passadas e atuais têm uma real desvantagem na vida social, pelo caráter historicamente masculino da civilização: estado, leis, moral, religião, literatura, ciência, normas e padrões, criação. A criação artística contribui para a denúncia da opressão feminina, ajudando a transformação do papel da mulher ao longo da história. Nós não nos conformamos com os limites sociais e culturais que nos são impostos, desejamos expressar.

Ser artista é abrir possibilidades e atributos, construindo a si mesma como sujeito. Mulheres artistas. Cidadãs no universo. Exercendo o direito e o dever de cometer artes femininas.

Uma abordagem feminista materialista mostra que aquilo que tomamos por causa ou origem da opressão é na verdade a *marca* imposta pelo opressor; o “mito da mulher”, somado a seus efeitos e manifestações materiais na consciência e nos corpos apropriados das mulheres. Assim, essa marca não preexiste à opressão... o sexo é tomado como um “dato imediato”, um “dato sensível”, como “características físicas” pertencentes a uma ordem natural. Mas o que acreditamos ser uma percepção física e direta é somente uma construção sofisticada e mítica, uma “formação imaginária”. (BUTLER apud WITTING, p. 49)

Falar do feminino, dessas conquistas, desse poder que carregamos, o ser mulher é necessário sempre. A arte por si só já nos toca de diversas formas, mas ver uma mulher em cena, e saber que isso no passado não era permitido, é de tirar o fôlego sim!

3.1 A Mãe: Bela, Quase Recatada e do Lar

Glória foi o nome escolhido para minha personagem, que logo se firmou apenas como Mãe. Não “apenas” como algo fútil ou sem importância alguma. Aliás, ela era a matriarca da casa. Demorei um pouco para perceber o quão poderoso era a força feminina no filme. A Mãe como um pilar na família representada por mim; A Super-Homem, a força de justiça representada por Luciana Marinho e a Neném como a detetive da família representada por Louise Portela.

Logo no início do processo, ainda experimentando com alguns improvisos, Leo ficou indecisa se eu faria o pai ou a mãe. Ela disse que eu trazia uma “força masculina” nos exercícios. E porque essa “força” não pode ser feminina também? Porque essa “força” só é reconhecida no homem? Por muitos anos foi assim, como vimos no capítulo 1. Apropriei-me desse poder e dei vida a minha personagem, fiz dela a matriarca da casa.

Tive minhas musas inspiradoras para a construção da minha personagem, eram elas Marilyn Monroe, Audrey Hepburn, Elizabeth Taylor e Sophia Loren. Mulheres com sua maquiagem e penteados impecáveis e “monstros” do cinema. Não é porque usamos um vestido, calçamos um salto alto que não podemos trazer essa força, que por muito tempo foi conhecida como “força masculina”.

O filme contém a ideia de uma estética de filme mudo e preto e branco da década de 20, onde as mulheres ainda ficavam em casa cuidado da família enquanto o marido iria trabalhar. Minha personagem era, com certeza, uma mãe exemplar e invejada pelas vizinhas. Brincamos com a imagem da dona de casa e com o seu trabalho árduo de lavar, passar, cuidar, arrumar, etc.

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas/Sofrem pros seus maridos, poder e força de Atenas/Quando eles embarcam, soldados/Elas tecem longos bordados/Mil quarentenas/E quando eles voltam sedentos/Querem arrancar violentos/Carícias plenas/Obscenas. (BUARQUE E BOAL, 1976)

A música/poema de Chico Buarque e Augusto Boal ilustra ideias referentes à condição submissa da mulher na sociedade grega. Transpostas para o nosso tempo, reflete-se na produção das mulheres no mundo do trabalho, das artes e do sexo. A fina ironia das entrelinhas de Chico e Boal mostra que as mulheres de Atenas são universais no tempo.

A nossa História mostra que a criação na esfera cultural sempre foi privilégio dos homens, e à mulher restava à esfera doméstica, à esfera *Bela, Recatada e do Lar* (frase dita pelo presidente Michel Temer, se referindo à sua esposa). Mary Del Priore, uma das principais pesquisadoras da história das mulheres, diz em uma entrevista, quando lhe perguntam se ainda há mulheres que optam por ser “belas, recatadas e do lar”:

Sem dúvida, inclusive nos Estados Unidos, onde você tem movimentos feministas com tantas nuances, você teve uma reação de mulheres nos anos 1990 que deixaram as grandes empresas, abandonaram suas carreiras, e que tem prazer de estar em casa, ser donas de casa, e cuidar dos filhos, se dedicar à vida doméstica. Essa é uma opção. Aliás, eu acho uma intolerância total esse tipo de crítica. O certo é respeitar. (PRIORE, 2016)

Mary Del Priore reforça na entrevista que essas mulheres que estão sempre à disposição de seus maridos são a realidade da maioria das brasileiras. E não por obrigação e sim porque elas se sentem satisfeitas com isso. E isso não é crime. É direito. É opção. Ao mesmo tempo, é preciso reforçar todos os dias as lutas das mulheres por uma igualdade de gênero, o fim da violência misógina, mais respeito ao feminino.

“Acho que temos que progredir não reagindo de maneira brutal com relação a opiniões que são diversas das nossas.” (PRIORE, 2016)

Trazendo todas essas referências históricas, colocando a frente essa crítica a mulheres do lar, eu criei a personagem *Mãe* e completamos a primeira parte da disciplina *Diplomação 1*.

Durante a primeira parte desse trabalho, tivemos algum material gravado, sem edição, para mostrar para a banca avaliadora: Nitza Tenenblat e Fernando Villar³³. O retorno da banca foi importantíssimo, já que iríamos gravar todo o filme semanas depois. Aproveitamos cada fala deles e pude perceber que minha personagem continuava com a sensualidade, com o poder de matriarca da casa e ainda permanecia cômica. Isso me fez refletir sobre minhas ações, minhas reações diante da câmera.

Tentei aproveitar tudo que eu tinha, desde a vestimenta ao olhar da personagem. Graças a roupa escolhida, o penteado e o ventilador usado na cena sensual em cima da mesa, me apoderei dessa força, da sensualidade que procurava para a *Mãe*, dessa ironia de ser a perfeita dona de casa.

³³ Nitza Tenenblat é professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, doutora em Performance Studies pela Universidade da Califórnia em Davis (2011) e mestre pela Royal Holloway University of London (2002). Fernando Villar é professor do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, possui graduação em Licenciatura Educação Artística – Artes Plásticas na Universidade de Brasília (1983), pós-graduação em Direção no Drama Studio London (1991), e Ph.D em Teatro no Queen Mary College da University of London (2001).



34



Tentei dar para a minha personagem esse poder de não submissão. Acredito que a cena em que ela desfruta de diversas drogas, como fumar maconha no bong, pois ela merece se “desligar” de tanta loucura na família ou acabar com a garrafa de vinho enquanto a família está em no meio de uma discussão no jantar, retrata um pouco essa sátira. Ou quando ela queima as partituras do marido. Cansada dele nunca prestar atenção na família, ela se vinga. Ela mostra que naquela casa quem manda é ela. Sua casa, suas regras. Isso me fez refletir que a Mãe me lembra uma figura muito importante para mim. Dona Maria Divina, minha avó, é talvez um dos maiores exemplos de

³⁴ Cenas do filme *O Ouro, o Ladrão e sua Família*. Foto por Bruno Corte Real.

força feminina que já vi, saiu do interior de Minas Gerais, com seus três filhos, e veio à Brasília para levantar a cidade de asas. Batalhadora até hoje com seus quase noventa anos de idade, nunca abaixou a cabeça para ninguém. Ver como a minha avó enfrentou a vida me dá esperanças e força para continuar trilhando meu caminho.

Acredito que somos apreciadas pela nossa “delicadeza” feminina. Quem um dia iria pensar que esse “sexo frágil” fossem militantes comunistas como Pagu? Levarei a personagem Mãe comigo para qualquer lugar. Ela é a visão que tenho de uma mulher que não abaixa a cabeça para nada. Ela é uma crítica a essa visão de mulher do lar. Talvez ela seja um pedaço de mim que grita para a sociedade todo dia: “Eu consigo!”.

Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso... No entanto, ainda se fala dela. E não parece que as volumosas tolices que foram ditas neste último século tenham realmente esclarecido a questão. Ademais, haverá realmente um problema? Em que consiste? Em verdade, haverá mulher? [...] Mas antes de mais nada: o que é uma mulher? (BEAUVOIR, p. 09)

Falar da mulher, do feminino, das feministas é um tema que circula os meios sociais há tempos. Não é um tema novo. Colocar no papel a força que a mulher carrega é difícil, e mais difícil é impor essa força, é fazer ser respeitada.

Estudando sobre o feminino, sobre ser mulher, me faz refletir que feminino é liberdade, a mulher artista é o ápice da liberdade. Vejo-me mulher, delicada, forte, artista, livre.

CONSIDRAÇÕES FINAIS

As exigências do papel da mulher ocidental em sociedade sempre atuaram em mim de maneira extremamente repressora, de formas incrivelmente sutis. A arte por si só tem o dom de tocar as pessoas de maneira plural e coletiva e o teatro traz consigo a possibilidade da provocação e do questionamento. Ver meu obstáculo se tornar autoconhecimento no processo de vida de outras pessoas e permitir que organismos além de mim pudessem mudar o direcionamento de seus pensamentos para atuar em mudanças foram as razões que me permitiram trilhar o caminho até este trabalho de conclusão de curso, mergulhando em cada processo de criação até a linha de chegada.

Falar da mulher, da liberdade de ser e do movimento feminista é essencial e necessário em todas as épocas e não deveria ser algo segmentado e mencionado em ambientes específicos.

São mulheres que viveram no seu tempo, mas com visão e coragem para sedimentar o caminho que hoje trilhamos. Elas foram vanguarda. É de grande importância conhecer a nossa história para entendermos as relações na sociedade contemporânea. A importância dessas e outras artistas para a arte brasileira. De como foi preciso que houvesse artistas mulheres que enfrentassem o “mundo masculino”, para abrir espaço para todas as outras. Sem dúvida alguma, não conhecemos a nossa história como deveríamos. A História não foi contada por mulheres, as leis não foram criadas por mulheres.

A escolha desse tema fez-me refletir bastante sobre a postura da mulher. O tema ficou bastante abrangente neste trabalho pelo simples motivo da dificuldade de achar registros de lutas femininas no Brasil. Onde estão as artistas brasileiras antes da década de 20? Cadê o nome delas nos livros de história, arte que usamos nas escolas? São dúvidas e dúvidas que surgiram durante essa pesquisa.

Brincar com a personagem Mãe e escolher falar do feminino me abriu os olhos para um mundo que eu nem imaginava que fosse assim. Pesquisar e estudar o surgimento do movimento feminista foi uma sensação bem forte.

Ouvir relatos de artista no filme: *!Women Art Revolution*³⁵ me revoltou. Ter uma mulher dirigindo o nosso filme foi bastante forte. A decisão final era dela.

Sabemos que quem não conhece a sua história não pode construir o seu futuro. Se pensarmos em cronologia, percebemos que faz pouco tempo que as mulheres começaram a ocupar espaço nas artes, na política, no mercado.

De acordo com MATOS E GENTILE (2004), na Idade Média, o corpo foi considerado perigoso, em especial o feminino, visto como um "lugar de tentações". Alguns teólogos chegaram a dizer que as mulheres tinham mais convivência com o demônio porque Eva havia nascido de uma costela torta de Adão, portanto nenhuma mulher poderia ser reta. (DAMBROS, 2008)

Desde os primórdios da civilização, à mulher sempre coube o pior dos lugares, as tarefas secundárias e os piores dos adjetivos. Seu lugar era enclausurada no lar, sob vigilância e controle dos homens. Aquelas que desafiavam tais preceitos eram jogadas à fogueira.

Os resquícios dessa fogueira alimentam hoje as brasas sociais. A mulher é julgada e condenada quando ousa ocupar espaços diferentes do reduto do lar. Muitas se encorajaram e assim o fizeram, sedimentando um caminho talvez mais seguro para o futuro.

Olhar para a minha trajetória na Universidade de Brasília e depois olhar para todo o trajeto de construção de *O Ouro, o Ladrão e sua Família*, me conduz a um caminho de reflexão: Qual o meu objetivo como artista? Como mulher? Como deve ser meu percurso a partir de agora? Qual o meu lugar? São tantos questionamentos, tantos desesperos, tanta agonia que fica difícil de pensar. São perguntas que, no momento, não tenho todas as respostas. Elas serão respondidas ao longo do tempo, reflexões a serem feitas por outras pessoas também.

Este não é apenas um trabalho de conclusão de curso, foi muito mais. Parece que antes de surgir essa pesquisa eu não sabia o que era ser mulher. Hoje, continuo nessa busca, mas sou mais forte e mais confiante. Foi importante pesquisar sobre o sexo feminino. Precisava encontrar essa mulher em mim. Ela será do tamanho da luta.

³⁵ Livre tradução: O Movimento de Arte Feminista.

A necessidade de se pensar na mulher em todos os trabalhos, projetos é indiscutível. É uma reflexão a ser feita em todos os trabalhos que farei futuramente. Qual a necessidade de representar essa figura mulher? Qual mulher ela será? Quem serei?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*, volume 1. Tradução: Sérgio Millet. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016;
- _____ . *O Segundo Sexo: a experiência vivida*, volume 2. Tradução: Sérgio Millet. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016;
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;
- ESTES, Clarissa Pinkola. *Mulheres que Correm com Lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução: Waldéa Barcellos; consultoria de coleção, Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro: Rocco, 1994;
- FO, Dario. *Manual Mínimo do Ator*. São Paulo: Ed. SENAC, 1999;
- GLUSBERG, Jorge. *A Arte da Performance*. São Paulo: Perspectiva, 2003;
- LEITE, Luiza Barreto. *A Mulher no Teatro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Espetáculo, 1965.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. Tradução: J. Glusberg e Maria Lúcia Pereira. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2011;
- RIBEIRO, Zilda Fernandes. *A Mulher e seu Corpo: magistério eclesiástico e renovação da ética*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998;
- VICENTE, Filipa Lowndes. *A Arte sem História – mulheres artistas (Sécs. XVI-XVIII)*, Lisboa: Athena (Babel), 2012;
- VINCENZO, Elza Cunha de. *Um Teatro da Mulher: dramaturgia feminina no palco brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Perspectiva, 1992;

Sites:

- Sua Pesquisa.com: Portal de pesquisas temáticas e educacionais. História do Dia Internacional da Mulher. Disponível em: <

- <http://anovademocracia.com.br/no-17/883-8-de-marco-o-verdadeiro-dia-internacional-da-mulher-proletaria>>. Acesso em 02 de Agosto de 2016;
- MultiRio, a mídia educativa da cidade. As conquistas femininas ao longo da História. Disponível em: <<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/95-as-conquistas-femininas-ao-longo-da-historia>>. Acesso em 02 de Agosto de 2016;
 - Tribunal Regional Eleitoral do Espírito Santo. 82 anos da conquista do voto feminino no Brasil. Disponível em: <<http://www.tre-es.jus.br/imprensa/noticias-tre-es/2014/Fevereiro/82-anos-da-conquista-do-voto-feminino-no-brasil>>. Acesso em 09 de Agosto de 2016;
 - Esquerda.net. A Emenda Que Aboliu a Escravatura. Disponível em: <<http://www.esquerda.net/dossier/emenda-que-aboliu-escravatura/26838>>. Acesso em 07 de Setembro de 2016;
 - HuffPost Brasil. A política não veste saia. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/thais-viyuela/a-politica-nao-veste-saia_a_21696197/>. Acesso em 01 de Fevereiro de 2017;
 - BBC. Crítica a 'bela, recatada e do lar' é intolerante com Brasil 'invisível', diz historiadora. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160418_marydelprior_e_entrevista_marcella_temer_np>. Acesso em 01 de Fevereiro de 2017;
 - Consciência Política, site dedicado à informações e estudos políticos. Arte e Política (Arte Engajada). Disponível em: <<http://www.portalconscienciapolitica.com.br/arte-e-politica/>>. Acesso em 16 de Fevereiro de 2017;
 - Uol Entretenimento. Disponível em: <<https://cinema.uol.com.br/noticias/afp/2015/05/12/hollywood-discrimina-mulheres-diretoras-diz-associacao-de-direitos-civis.htm>>. Acesso em 16 de Fevereiro de 2017;
 - O Corpo na Idade Média. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd121/o-corpo-na-idade-media.htm>>. Acesso em 16 de Fevereiro de 2017;

Artigos:

- SANTOS, José Mário Peixoto. *Breve Histórico da "Performance Art" no Brasil e no Mundo*. Revista Ohun , v. 4, p. 1, 2008.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *As mulheres artistas e os silêncios da história: a história da arte e suas exclusões*. Labrys: estudos feministas. Jan – Jun, 2007;
- _____ . *Souvenir de ma carrière artistique: Uma autobiografia de Julieta de França, escultora acadêmica brasileira*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.15. n.1. p. 249-278. jan.- jun. 2007;
- NOCHLIN, Linda. *Why Have There Been No Great Women Artist?*. New York: Basic Books, 1971;
- LAMAS, Berenice Sica. *Mulher: Processo Criativo Para Além do Biológico*. Porto Alegre, 1993. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade. Instituto de Psicologia, PUCRS;
- IRIGARAY, Luce. *A questão do outro*. Labrys: estudos feministas. Número 1 – 2, julho – dezembro, 2002;
- MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Performance artística e a questão da censura*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007;

Vídeos:

- **!Women Art Revolution**. Direção: Lyn Hershman Leeson. A Hotwire Production. USA: distribuído por Zeitgeist Films, 2010. 83 min. Son, Color;
- **O Ouro, o Ladrão e sua Família**. Direção: Leo Sykes. Produção: É Nós Produção. BRA, 2016. 27 min. Son, P/B;

ANEXO I

FICHA TÉCNICA:

DIREÇÃO:

Leo Sykes

ATORES:

Arthur Romão

Bianca Ludgero

Bruno Barbato Bloch

Cíntia Portella

Iury Persan

Louise Portela

Luciana Marinho

Marina Olivier

Ramon Lima

Ricardo Holanda

PRIMEIRA ASSISTENTE DE DIREÇÃO:

Lorena Pires

SEGUNDA ASSISTENTE DE DIREÇÃO:

Helena Dupin

ROTEIRO:

Leo Sykes

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:

Lorena Pires

CRIAÇÃO DE MATERIAL CÊNICO:

O Elenco

DIREÇÃO DE ARTE:

Arthur Romão

CABELO E MAQUIAGEM:

Ana Luíza Meneses

Lorena Pires

Martha Carvalho

Nathália Mendes

Patrícia da Silva Nascimento

FIGURINO:

Ana Luíza Meneses

Bianca Ludgero

Marina Olivier

Martha Carvalho

Nathália Mendes

Patrícia da Silva Nascimento

CONFECÇÃO DO TREM:

Ramon Lima

DIRETOR DE FOTOGRAFIA:

Bruno Corte Real

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA:

Gabriel Brito

Helena Sarmento

ELETRICISTA:

Iury Persan

CONTINUIDADE:

Bruno Arêa

PLATEAU:

André Eduardo Gonzaga

PRODUÇÃO:

Louise Portela

Ricardo Holanda

EDIÇÃO:

Leo Sykes

ASSISTENTE DE EDIÇÃO:

Arthur Romão

SUPERVISÃO DE FOLEYS E SONOPLASTIA:

Glauco Maciel

COMPOSITORES:

Bruno Barbato Bloch

Glauco Maciel

MÚSICAS:

Blackmail Blues

Funk do Vovô

PRODUÇÃO DE FOLEYS E SONOPLASTIA:

Arthur Romão

Bianca Ludgero

Bruno Barbato Bloch

Iury Persan

Louise Portela

Luciana Marinho

Marina Olivier

Ramon Lima

Ricardo Holanda